
Análise interdisciplinar do filme “O show de Truman”: cinema, psicologia e comunicação em pauta¹

Antonia Nirvana Gregorio LIMA²

Raianne Ferreira LIMA³

Fernanda Yohana Oliveira e SILVA⁴

Luis Celestino de França JÚNIOR⁵

Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, CE

Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, Juazeiro do Norte, CE

Resumo

O artigo em questão se propõe a analisar o filme O show de Truman (1998) por um viés interdisciplinar, agregando conceitos e da psicologia, cinema e comunicação. As três áreas do conhecimento reúnem-se na peça audiovisual dirigida por Peter Weir, que crítica por meio da distopia uma soma de princípios contemporâneos.

Palavras-chave: Filme; Truman; Comunicação; Distopia; Interdisciplinar.

1 Introdução

Mesmo vinte anos depois do seu lançamento, O Show de Truman – O show da vida é um filme que trata de temáticas atuais e recorrentes, abrindo espaço para as mais amplas análises de diversos vieses. O filme conta com muitas simbologias e significações, além de exemplificações. Assim, em três capítulos este estudo de revisão bibliográfica busca abarcar diversas áreas do conhecimento a fim de explicar melhor o funcionamento do filme, do reality show em sua atualidade inserido no filme e dos aspectos específicos de mídia visual, entendimentos psicológicos e por fim comunicação e consumo.

O programa televisivo em que Truman está inserido pode ser descrito como um reality show, porém construído a partir da realidade de uma só pessoa, todas as outras seguem orientações e scripts. Contando com 10.909 capítulos, o show é assistido por 1,7 bilhões de pessoas, em 220 países. Essas pessoas acompanham sua vida inteira, desde o

¹ Trabalho apresentado na DT8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

² Estudante de graduação do 8º semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo. Email: nirvalima17@gmail.com.

³ Estudante de especialização em Teoria Psicanalítica da UNILEÃO. Email: raiannelima@gmail.com.

⁴ Estudante de graduação do 5º semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo. Email: fernandaoliveiraceara@gmail.com.

⁵ Orientador do trabalho. Professor doutor do curso de Comunicação Social – Jornalismo. Email: luis.celestino@ufca.edu.br.

seu nascimento, seus primeiros passos, sua primeira palavra, até a atualidade da vida adulta do astro, suas imagens são captadas por aproximadamente 5 mil câmeras.

2 Análise dos aspectos visuais do filme

O show de Truman é um filme de 1998 com direção de Peter Weir e roteiro de Andrew Niccol. Se passa em uma cidade chamada Seahaven, em um espaço tempo do futuro 2059. O Personagem principal Truman Burbank é o primeiro homem adotado por uma emissora de televisão, onde desde o nascimento sua vida é acompanhada câmeras em uma cidade com personagens coadjuvantes e figurantes. A trama se caracteriza com um perfil ficcional pois mostra padrões, brechas e sugestões na narrativa da trama, porém ocorrem mudanças constantes de cenas não convencionais para o gênero.

O filme consiste duas molduras visuais: televisão (tela menor onde o espectador acompanha o show de Truman) e cinema (a produção do show dirige e controla toda história ao vivo), formando um processo metalinguístico, com sinais de enunciação e alternância visual na narrativa. Segundo Sandra Fischer a narrativa cinematográfica “é recorte, enquadramento, encenação, montagem” (FISCHER, 2006, p. 24) que por sua vez é realçado e realizado na construção de uma separação de interior e exterior da moldura, assim como uma janela, o que está dentro é distinto com o que ocorre fora do espaço recorte.

Para Christian Metz (1991), em seu estudo de telas dentro de telas o espectador é apresentado em qualquer espetáculo um enquadre, uma janela, uma moldura. Ou seja, sempre haverá um elemento espacial de restrição onde a informação/imagem/cena será passada. Existe um controle televisivo com produção de profissionais por trás da vida de Truman, Cezar Migliore (2005) explica que o dispositivo é uma estratégia de construção de narrativa, quando diz que o dispositivo é a introdução de linhas ativadoras em um universo escolhido. O criador recorta espaço, um tempo, um tipo e/ou uma quantidade de atores e, a esse universo, acrescenta uma camada que forçará movimentos e conexões entre os atores (personagens, técnicos, clima, aparato técnico, geografia, etc).

Existe uma semelhança do show com Reality Shows (como por exemplo o Big Brother), onde cotidiano é controlado e filmado. Através desse controle são capturadas ações, rastros de uma realidade contínua que não é criada pela equipe e sim pelos participantes destes shows. No entanto no show da vida de Truman, ele é o único

indivíduo espontâneo, não há outro tipo de realidade natural, há somente uma equipe seguindo roteiros.

Ocorrem distintos vieses na narrativa: a visão do programa onde Truman é o protagonista, a equipe de produção do programa, os espectadores do programa e a narrativa geral do filme em si. Em decorrência disso a história apresenta alternância de quadros que se encaixam. Podemos observar a mudança de enquadramentos da imagem, por câmeras convencionais e ângulos não convencionais mostrando que Truman sendo observado através de câmeras escondidas. Há momentos onde os coadjuvantes olham para câmera em referência as propagandas publicitárias, com produtos de consumo para que público que assiste o show adquira.

Apesar da trama ser uma ficção ela apresenta características incomuns para o gênero, somente a partir de um pouco mais de 40 minutos os espectadores do filme em geral podem perceber a participação de uma produção televisiva da vida de Truman. Antes disso as imagens se apresentam em uma narrativa cinematográfica básica, porém há recursos visuais onde é sinalizado a presença de mais de um olhar dentro do filme.

As cores no filme show de Truman constroem juntamente com o enquadramento uma sequência de desenrolar da trama e expressão de emoções. É observado o uso de tons pastéis durante todo percurso do filme porém no decorrer do enredo ocorre o surgimento de tons mais fortes aparecem como sinalizadores de emoções e situações decisivas. Para Farina *et al* (2001, p. 2), “as cores influenciam o ser humano, e seus efeitos, tanto de caráter fisiológico como psicológico, intervêm em nossa vida, criando alegria ou tristeza, exaltação ou depressão”.

Elementos visuais comunicam ao longo da história caminhos e direções dos personagens, em especial Truman. O conceito de Shannon & Weaver é trazido por meio da fala de Lucia Santaella, quando diz: Estes definem comunicação como todos os procedimentos pelos quais uma mente pode afetar outra. Isto, obviamente, envolve não apenas o discurso oral e escrito, como também música, artes visuais, teatro, balé, e, certamente, todo comportamento humano (SHANNON; WEAVER, 1949 apud: SANTAELLA, 2001).

As variações de tons de amarelo ao marrom são usadas fortemente no início do filme, indica emoções como calma e dá sentido a uma personalidade pacata, segura e cômoda. É notável o encaixe desse significado ao enredo inicial da história onde Truman é um funcionário efetivo em uma cidade que todos o conhecem e onde ele tem sua casa,

esposa e toda segurança de um homem pacato. Boa relação com vizinhos e uma rotina muito bem aceita a princípio pelo protagonista. A partir do momento onde os sinais vão se mostrando a Truman de uma falha na rotina os tons mais escuros como, o vermelho, irão aparecendo. Vermelho pode indicar emoções de perigo, excitação e paixão. Quando os primeiros erros na cidade pacata de Seaheaven começam a se mostrar, Truman retorna a sua inquietação reprimida na infância. Ao fim do ponto inicial podemos observar em algumas peças de roupas do personagem e detalhes de sua memória.

O momento em que Truman relembra do seu encontro com Sylvia (figurante do show, por quem ele se apaixona) ele está com uma peça de roupa da personagem da cor vermelha. Existe outra cor de destaque desse momento nostálgico que indica todo desenrolar posterior a esse encontro. Quando Truman vê Sylvia a distância e ela some de sua vista, logo em seguida em outro momento, eles se encontram no baile da escola. Truman é chamado atenção pela pulseira de Sylvia, com um tom verde, essa cor está ligada a esperança e a liberdade. Eles se desencontram mais uma vez e ele é novamente atraído em uma biblioteca pela mesma pulseira, nesse momento Truman também usa uma peça de roupa de tom verde. A Lembrança desse momento é de grande relevância para que Truman recupere seu interesse de explorar o mundo e compreender as falhas que começam a se mostrar.

O Azul começa a surgir sutilmente no cenário e situações marcantes e de extrema emoção, trazendo consigo a melancolia, serenidade e o infinito, um mundo sem fronteiras. Uma das situações da presença do azul traz os olhos recortados das revistas de moda compradas por Truman toda manhã na banca de jornal alegando que é para sua esposa, porém o intuito do personagem é construir por meio de partes de rostos diferentes uma forma de rever o rosto de Sylvia. Outra situação muito decisiva para construção da trama e em especial da personalidade reprimida de Truman, é o acidente no mar marcado pela morte do seu pai.

Mais tarde, já no fim da trama, Truman escapa dessa melancolia da perda e do inalcançável pelo mesmo azul que o manteve preso. Ele encara seu maior medo: a água, conseguindo descobrir que durante 30 anos foi prisioneiro da sua própria história. Ele enfrenta a tempestade provocada mais uma vez por toda produção até chegar ao fim da cidade cenográfica, com pintura de um céu azul cheio de nuvens. Uma imensa parede azul ocupa espaço de um sentimento de paz e encontro com uma espécie do além, de um infinito. Truman encontra escadas que dão acesso a uma porta escrita saída e pela primeira

vez conversa com seu ‘criador’ e se despede de todo público e adentra em uma espécie de infinito, um além do céu azul.

3 O que diz a psicologia sobre Truman e seu show

Um aspecto interessante do filme trata dos nomes empregados nele, em sua maioria metáforas sobre os personagens. Primeiramente o criador, Christof, *Christ of* ou “Cristo de” em tradução livre. Truman, *True man* ou “Homem verdadeiro” em tradução livre. Seaheaven, *Sea heaven* ou “paraíso marítimo” em tradução livre. Esses significados muito dizem sobre os papéis destes. Truman é um homem de verdade, o único personagem legitimamente espontâneo no seu show. Christof o diretor se coloca no lugar de pai real de Truman, fora da narrativa criada do seu show, do qual ele é o “Deus”. Acreditando saber o que é melhor para seu filho e sabendo que o melhor para Truman não é o melhor para ele mesmo, visto que enquanto a estrela do show não tem nenhuma privacidade, o primeiro leva uma vida extremamente particular, da qual pouco se sabe.

O programa carrega um certo comodismo, tanto de Truman quanto dos atores envolvidos. Aqueles a quem Truman conhece desde criança, cresceram junto com ele dentro daquele lugar. Suas vidas funcionam para o show e não podem ser separadas. Suas vidas são de manipulações e mentiras, vendidas para os espectadores. Marlon, melhor amigo de Truman, fala na apresentação do show que nada ali é de mentira, é meramente controlado. Se a realidade é controlada, ela não se torna uma mentira? A cidade inteira é artificial, assim como seus habitantes (GIDDENS, 2002).

Truman é traumatizado de formas perversas para ser mantido na ilha sem perspectivas de partir de lá. Seu pai “morre” num trágico acidente no mar para que Truman nunca queira deixar a cidade por vias marítimas. Tragédias aéreas são frequentemente anunciadas no rádio também para desencorajar que ele deixe a cidade por vias aéreas. A cidade inteira funciona para que Truman siga conformado com a vida que tem naquela cidade, naquele emprego (tudo um tanto medíocre diga-se de passagem), naquele casamento e nunca queira deixar nem questionar nada daquilo. Quando adulto, Truman é submetido a testes sutis para questionar se seus medos ainda se mantêm, como por exemplo um seguro que ele precisa vender numa cidade vizinha e precisa ir de barco.

Um número mínimo de acontecimentos fogem do padrão da normalidade o suficiente para que Truman perceba o que se passa ao seu redor (com exceção das

forçadas propagandas que o cercam o tempo inteiro). A primeira trata de uma paixão não planejada pelo diretor: Truman se interessa por uma coadjuvante e ela por ele. Apesar de dizer que não podem interagir, eles acabam saindo e ela diz que tudo aquilo é feito para ele e que logo chegarão para buscá-la e impedi-la de atrapalhar o prosseguimento do show. Outros pequenos fatores são: uma das luzes da cidade cenográfica cai, logo no começo do filme; o rádio do carro que troca a sintonia e começa a narrar seus movimentos; a aparição do seu pai vestido como um pedinte que logo é tirado da rua pelos figurantes. Pode ser dito que Truman estava preso no comodismo da sua vida, no paraíso marítimo, mas esses acontecimentos desencadeiam desconfiças no mesmo.

Faltava a Truman a falta, acomodado com sua vida onde desde sempre todas as suas necessidades e demandas são cumpridas por outras pessoas. Truman não deseja porque não precisa. De acordo com a conceituação psicanalítica, a falta é aquilo que causa o desejo e faz com que o sujeito busque algo que lhe faça completo. Em contradição ao que prega a cultura do show quanto ao preenchimento da falta, a psicologia e a psicanálise a classificam como fator estruturante da subjetividade, além de proporcionar também a oportunidade de que o sujeito construa “um saber sobre si e sobre o outro” (PISETTA, 2009, p. 106). Truman não conhece a verdade, nem sobre ele mesmo, nem sobre os outros.

Não aparentam, mas as condições a que são impostas todas aquelas pessoas não são adequadas, principalmente as pessoas mais próximas de Truman que precisam atuar 24 horas por dia, 7 dias por semana. A mulher que atua como esposa dele começa inclusive a temer pela própria vida frente às coisas que Truman começa a fazer quando suspeita que “eles estão assistindo, Meryl”. Ao fim do que poderia ser descrito como um surto psicótico se suas suspeitas não fossem reais, a atriz chora e se lamenta aos ombros do melhor amigo de Truman de que aquilo não são condições de se viver, que “isso não estava no contrato”. E de fato, não estão. Truman não está atuando, Truman não é completamente previsível e, apesar de estar preso num ciclo monótono, Truman ainda é uma pessoa. Desastres descabidos poderiam ter acontecido à estrela do reality ou pelas mãos dele.

Outra simbologia trata do descobrimento do mundo fora do show: a libertação de Truman conta com um barco cujo nome é o mesmo do barco em que Cristóvão Colombo descobriu o Novo Mundo. Em um viés psicológico, pode ser dito que este momento simboliza o desenvolvimento da autonomia de Truman, fugindo das demandas que os outros tem para com ele, sendo também uma metáfora da separação entre mãe (a

emissora) e bebê. As dúvidas que o filme deixa tratam sobre o futuro da vida de Truman Burbank. Uma criança adotada por uma emissora, que desconhece o mundo e a vida real. Mesmo assim, cansado das mentiras por ser um “homem de verdade”, Truman junta toda a sua coragem e escolhe a verdade, escolhe decidir sobre sua vida e ainda deixa um recado aos seus expectadores cuja existência a essa altura ele já reconhece.

4 O Consumo espetacular em “O Show de Truman”

Ao ligarmos a televisão, visualizamos um retrato do mundo e das relações em sociedade - o próprio “Show da Vida”, slogan de um programa de notícias e entretenimento da TV aberta brasileira. Na internet, pessoas são a todo instante vigiadas, expostas à câmeras, seja por questões de vigilância ou pelo mero prazer de serem vistas. O filme O show de Truman nada mais é do que uma sátira aos tempos modernos.

Seaheaven - cidade cenográfica onde Truman foi criado - é uma representação do real. Uma realidade simulada, mesclada aos sentimentos genuínos do protagonista, tratado como um objeto de máximo valor para a sustentação do microcosmo artificial e capitalista no qual está inserido. Ao definir espetáculo, o sociólogo francês Guy Debord (1997) faz a seguinte colocação:

O espetáculo submete para si os homens vivos, na medida em que a economia já os submeteu totalmente. Ele não é nada mais do que a economia desenvolvendo-se para si própria. É o reflexo fiel da produção das coisas, e a objetificação infiel dos produtores. (DEBORD, 1997, p.18)

É possível traçar um paralelo entre a conceituação de Debord e o reality show fictício. Com exceção de protagonista, todos os envolvidos venderam suas vidas para o programa. Logo no início do filme, os personagens Meryl e Marlon, esposa e amigo de Truman, fazem declarações de que a vida pública e privada são indistintas. E para eles, o real é controlado, mas não deixa de ser verdadeiro.

Diante dessa fala e das demais características da obra cinematográfica, é possível fazer referência ao livro “1984”, escrito por George Orwell. Na trama, o Estado é controlado pelo líder simbólico Grande Irmão, que manipula e coage toda a população de Oceânia por meio de telecâmeras. O mesmo ocorre no filme, contudo a atenção e holofotes são voltados apenas para Truman.

Jean Baudrillard escreveu *Telemorfose* (2001) após analisar o livro de confissões sexuais de Catherine Millet e o programa de tv francês *Loft Story*, versão do reality show *Big Brother*. O filósofo considera o dito programa um parque humano de atração. De acordo com teórico supracitado, o microcosmo incorporado por *Seaheaven* é equivalente a Disneylândia, uma vez que exprime a ilusão de um mundo real, um mundo externo, enquanto a imagem é a mesma para ambos. Baudrillard (2001) pontua em sua obra que as pessoas anseiam pelo espetáculo da banalidade - julgada hoje a verdadeira pornografia e obscenidade. A cotidianidade de Truman espetacularizada entretém a audiência, causa identificação e leva o telespectador à contemplação, a ponto de sequer questionar os desvios éticos e morais que circundam a atração.

Vale ressaltar que o universo de Truman estimula e transfigura relações e bens de consumo. A vida de Truman é caracterizada pelos produtores como um modelo ideal a ser seguido. Absolutamente tudo está à venda durante a transmissão ininterrupta, desde as roupas dos atores, a comida e até as casas onde moram. Involuntariamente, o protagonista serve de garoto-propaganda para diversos produtos associados a sua imagem. Os consumos de Truman e das pessoas mais próximas a ele são ofertados aos telespectadores, envoltos de estratégias mercadológicas veladas de entretenimento. As intervenções de merchandising ao longo do filme chegam a ser cômicas e óbvias, inclusive para o próprio Truman, apesar do personagem não consciência do seu potencial como vendedor ativo de objetos de consumo.

5 Considerações Finais

Pode ser dito que o que Truman vive é uma Alegoria da Caverna moderno adaptado ao século XXI. Suas amarras são psicológicas e sua caverna é uma cidade cenográfica, as sombras da caverna são sua vida limitada e a descoberta da realidade além das sombras o filme não nos mostra. A motivação desta alegoria é o lucro, visto que todas as barbaridades que acontecem no show buscam alcançar a audiência de espectadores que já estão tão inseridos na realidade de Truman que acham aquilo normal. Normal comprar as roupas do show, normal dormir e acordar assistindo a vida de um homem que vive uma vida enganado. A busca de Truman pela liberdade e independência no fim do filme é marca registrada do mesmo. No fim do filme, o personagem entra em uma porta que tem

escrito “saída” e sai daquela simulação de realidade para a vida real que até o momento ele desconhecia.

O que é visto no filme levanta questões sobre os limiares entre ficção e realidade, público e privado. As metáforas vistas levantam suposições de que é possível viver em um mundo artificial sem perceber, será que isso não se passa também fora do universo cinematográfico? Assim, é necessário destacar a força e a influência dos meios de comunicação, principalmente da televisão enquanto produto da modernidade utilizada para conquistar o espectador. O problema, visto no contexto do filme e passível de observação também na contemporaneidade, trata da estratégia que este meio utiliza para conseguir audiência, abusando de certas figuras, fazendo uso de sensacionalismo, dentre outros recursos.

Referências bibliográficas

BAUDRILLARD, J. **Telemorfose**. Ed. MAUAD Ltda, 2004.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo.

Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo.pdf>> Acesso em: 20 maio 2018.

FARINA, M. et al. **Psicodinâmica das cores**. São Paulo: Edgard Blücher, 2011 p. 2.

FISCHER, S. As molduras de Belle de Jour. **Significação**, São Paulo, n.14, nov. 2000 p. 24.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. 1938. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

METZ, C. **L'enunciation impersonelle ou le site du film**. Paris: Méridiens Klincksieck, 1991 p. 71.

SANTAELLA, L. **Comunicação e pesquisa**. São Paulo: Hacker, 2001 p.19.

PISETTA, M. A. A. A falta da falta e o objeto da angústia. **Estudos de Psicologia (PUCCAMP, Impresso)**, v. 26, p. 101-107, 2009.

WEIR, P. **O Show de Truman** - Edição Especial para Colecionadores. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2006. 102 minutos DVD-VIDEO. NTSC